



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco, C. Dantas, C. Benem; E. de Barros Lobo (*Beldemónio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira, F. Pina Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsara; Visconde de Renalcantor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A Ressuscitada*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Perfis* versos, por Luiz da Silva;—*A occupação de Tungus*, por Pinheiro Chagas;—*O Pregão*, conto, (continuação), trad. de Alfredo Gallis;—*Ilhões*, versos, por Accacio Paiva;—*Os fugitivos*, conto, por José Maria da Costa;—*Estudos de hygiene*, (continuação), por Castor;—*Divina Comedia*, versos, por Ham da Luz;—*Sonhando*, (excerpto), por D. Margarida de Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*Regina Paccini*;—*Pnte da Parca* (Gravura extrahida da obra «*O Minho Filloresco*»);—*Julio Ferry*;—*Modas*;—*Incendio de Carthago*, (Specimen das gravuras da «*Historia de Roma*» por Victor Duruy).

CHRONICA

Salve, Regina! Refulge tu grandiosa na cõrte immensa dos astros, e dê-me vida o Senhor, para que eu possa de longe, n'um canto obscuro da terra, seguir ao menos com os olhos d'alma a tua orbita sublime! Salve!

Creio piedosamente na tua origem celeste, e é por isso, creança prodigiosa, que te ajoelho aos pés como um fanatico, n'um deslumbramento de fé inextinguivel. Se no universo ha luz, a luz deve ser isso, esse estranho vibrar que me agitou o espirito ao tempo que despontavas lá em cima, pequenissima estrella refulgente!



REGINA PACCINI

Devo te o resurgir das velhas crenças, de ha muito esparsas no chão algente da phantasia morta. E não só eu, sympathica Regina; ha mais por esse mundo adeante quem sinta o coração frio de pedra, ao penetrar no theatro lyrico, sinceramente resolvido a concorrer com um *bravo* para a celebração do jubileo da Patti. Essa mulher extraordinaria, a nós, que eramos ainda extremamente louros no tempo em que ella mais louros recolhia, dá-nos a sensação de um romance do qual só temos o epilogo. O espectáculo do sol, quando mergulha, cançado, na superficie do oceano, a fronte rubra e enorme, por mais grandioso que seja, é tambem sempre um tudo-nada triste. Commove, mas não aquece; não aquece nada.

Subitamente, annunciava a empreza de S. Carlos a aurera de um astro novo. Regina Paccini, uma creança gentilissima, ia cantar em publico pela primeira vez, e todos nós tremiamos de que não bastasse aquella simples belleza natural para lhe garantir o favor de pessoas exigentes e entendidas, como são, ou fingem ser, os nossos *dilettanti* lyricos.

Accorreram n'essa noite ao theatro, de todos os pontos da capital, compactas legiões de peregrinos. Encheram-se os camarotes de bellos vultos patricios, garridamente envoltos em delicadas *toilettes*; acotovellou-se na platéa uma verdadeira multidão de sêres, entre os quaes se achava, largamente representada, a flor da mocidade; accomodaram-se no *paraizo* os bemaventurados e, seguramente tres seculos depois de ter subido o pano sobre os primeiros compassos da *Somnambula*, fez-se na sala um silencio profundo, grave, religioso, esmagador!

Regina Paccini dava no palco os seus primeiros passos vacillantes. Movidos pela mola da mesma curiosidade, todos os binoculos então quizeram convergir sobre a pequenina figura deliciosa; foi porém necessario adivinhá-la. Não havia na sala microscopios, e o vulto de Regina só devia tornar-se positivamente intelligivel quando jorrasse, como depois jorrou, catadupas de luz vertiginosa.

Emquanto no ar refulgia, expressa em notas de um crystal magnifico, a *cavatina* do primeiro acto, houve cá fóra alguém que teve as lagrimas a ponto d'irromper dos olhos. E esse alguém fui eu, e creio muito de resto que não fui eu só!

E' que todos então se interessavam pela extraordinaria creança, que temerariamente arrostando aquelle oceano insondavel do qual eramos nós—bem mais pequenos do que ella—as temerosas vagas gigantescas.

Mercê de Deus! a *cavatina* expirou entre os applausos de todos. Com sincera alegria dos astrónomos, revelava-se já, magnifica, a estrella que ainda agora brotava da região longiqua das nebulosas.

(Quando porém a ovação se transformou em febre, e o talento de Regina teve de ser consagrado até pelos eternos refractarios, foi no terceiro acto, no celebre *rondó* que a embryonaria *diva* cantou da maneira mais correcta e ao mesmo tempo mais simples que era possivel phantasiar. Regina, n'esse trecho, sustentou uma nota, salvo erro, durante mez e meio; pois bem, houve espectadores que durante mez e meio não respiraram. E a nota conservou-se limpida, igual, estonteadora!

No intervallo do segundo acto, diziam cá fóra pessoas circumspectas que estava á vista o escolho, que se não mettesse a debutante em difficuldades, que já ali tinham visto naufragar a Fulana, e a Outra, e muitos nomes feios... Oraahi teem os senhores como se sae a barra. O talento é um dom piloto, e a coragem é brisa de feição.

—Não sabe estar em scena, diziam elles depois.

Ora, houve um tempo em que aos cantores se não

exigia de um modo indispensavel o conhecimento profundo da arte de representar. E é hoje, que as scenas theatraes já não impressionam como impressionavam antigamente os nossos antepassados, os quaes, honradas creaturas, tomavam tudo aquillo a serio; é hoje, na mesma sociedade onde Octavio Mirbeau accusa de irracional, senão de abjecta, a exhibição do actor; é hoje, que se aponta como defeito, n'um artista lyrico, a má encarnação de um personagem d'opera, um ente quasi sempre inverosimil, pantafuçado, ideal.

Que o maestro imprima, pela força de seu genio, no seu trabalho, a intenção que lhe aprouver; tenha o cantor depois o dom ingenito de modular a voz ao pensamento muitas vezes deliciosamente vago do maestro, e o personagem, se quizer, que vá plantar batatas.

E comtudo, na *Somnambula*, ainda mesmo tomando a serio o poema, difficil me parece justificar que não tenha sido estudada a simplicidade com que Regina Paccini se apresentou, visto estar essa simplicidade em harmonia com o papel.

Se taes exigencias, sobre a maneira de estar em scena dos cantores, ao menos por coherencia, fossem extensivas á maneira de estar em scena do scenario, tinhamos muito que fallar de paredes que dançam com o vento, de portas que abrem e fecham mysteriosamente, segundo as conveniencias da peça, de pontes que se esphacelam como um casaco se descose, e de muitas coisas mais.

Os velhos apreciadores da arte lyrica, muitos d'elles, que tinham assignatura sobre a tribuna real, ouviram d'antes as operas commodamente deitados sobre os bancos, sem lhes importar de nada o movimento que ia lá no palco. E era, comtudo, das regiões empyricas que frequentemente partia a sentença de morte de um cantor, ou a apothose de um outro. Isto prova que, ao mesmo passo que os tempos se modificam, vão-se os costumes tambem modificando. Esta verdade é quasi fossil, mas tem de ser eternamente uma grandissima verdade.

Cerca de quatorze chamadas, em meio de uma ovação indiscriptivel, teve Regina Paccini na noite do seu debute. Cantou na noite seguinte e foi applaudida do mesmo modo. Se porém continúa com tal febre, é natural que cante novamente no domingo, e d'ahi por deante, a rasão de duas vezes por dia, até coisa de sexta-feira, em que, segundo todas as probabilidades, exalará o ultimo suspiro, por entre corôas e *corbeilles* de flôres.

Pois é pena. Nós quizeramos, gentil compatriota, que tu vivesses muito, para que, ao longo do teu esplendido futuro, um pouco se fallasse em nós n'esses paizes, ao menos, onde tu um dia serias escutada com o entusiasmo que Adelina Patti lá despertava ha pouco.

Anda n'isto, é certo, um pedacinho d'orgulho, que a rasão, infelizmente, não justifica de todo. Porque, afinal, nascida que realmente és ao sol da nossa patria, nem por isso nas tuas veias deixa de circular uma porção de sangue italiano, de sangue artista, sem o qual o nosso clima não teria talvez feito de ti senão uma mulher encantadora, adoravel, formosissima. E isso era pouco n'este seculo em que a belleza natural padece, de uma maneira espantosa, a concorrência dos drogistas.

Portuguesa, porém, ou italiana, seja qual for a origem do teu talento pujante, salve, Regina, creança prodigiosa!

A RESUSCITADA

(Colombine)

Aos dezeseis annos estava apaixonado, e creio que não era a primeira vez.

Aquella que eu amava, residia na vizinhança da casa paterna.

Contava um ou dois annos mais do que eu.

E como esta aventura pertence ao passado, posso confessar que se chamava Adelia, nome que os actuaes romancistas reservaram para exclusivo uso das cozinheiras.

Eu estava no collegio; ella vivia em um convento.

Viamo-nos durante as ferias, e pela janella trocavamos signaes de uma ingenuidade primitiva.

Foi mesmo pela janella, suspenso da extremidade de um cordel, que eu lhe offereci um romance, destinado, segundo se me afigurava, a perturbar a sua alma.

Esse romance, era a *Atalá* de Chateaubriand.

Fiava muito da scena da gruta e da celebre phrase:

«Estrellas do céu, vós fostes o facho do nosso hymeneu.»

Adelia devolveu-me o romance, dizendo-me que o achava fastidioso.

Junto d'ella, sentia-me timido, acanhado.

Bastava vel-a, para esquecer as phrases hypotheticas de que me gabava com os meus condiscipulos, passeando debaixo das arvores, á hora do recreio.

Quando as nossas familias iam juntas ao campo, eu ficava ao seu lado, perplexo, indeciso; Adelia sorria maliciosamente.

Um dia, ao jantar, bebi pelo seu copo, e quasi me senti morrer sob a impressão do seu olhar.

Era, simultaneamente, estúpido e delicioso.

Ella casou.

Não tive ciúmes.

E' evidente que eu não era, por forma alguma, um innocente; em a noite das nupcias, vi da minha janella fechar-se a sua janella, não ignorando o mysterio, em que Adelia representaria o duplo papel de sacerdotisa e de victima.

Mas n'essa idade, o amor é tão ideal que acceita, sem soffrimento, o aspecto de venturas a que é estranho, e sabe permanecer fiel e discreto, sem carecer impor a si proprio a dolorosa voluptuosidade do sacrificio.

A familiaridade que Adelia me testemunhava, em seguida ao seu casamento, bastou para fazer-me feliz.

Encontrava-a frequentemente na sociedade.

Aos domingos, como é costume na provincia, ia esperal-a á saída da missa, acompanhado pelos meus amigos, e sentia-me vaidoso, sempre que ella atravessava a rua para me apertar a mão.

O meu amor era tão innocente, tão docemente fraterno, que nem sequer o occultava.

O marido de Adelia não o ignorava, e o seu tolo orgulho de provinciano deleitava-se, vendo em sua casa um ingenuo Sigisbéo, que amava demasiadamente para poder ser perigoso.

Amigo do marido, não tardou que fosse tambem amigo do primeiro amante.

Adelia confiava-me os seus segredos.

Pouco a pouco, o meu pequenino logar no seu coração foi-se gradualmente ampliando.

Um dia, quando se me afigurou possivel a posse d'essa mulher adorada, quando acreditei que o meu amor era afinal correspondido, recuá-nos, logo depois do primeiro beijo.

Pareceu-nos sem duvida,—comquanto o não confessassemos nunca,—que iam profanar um estranho e suavissimo culto.

Evitámo-nos mutuamente, não tentando o menor esforço para lutar contra o destino que nos separava.

Seguiamo-nos de longe, guardando, como um thesouro, os nossos sonhos, a timidez da nossa mocidade.

Que jubilo eu experimentava, quando depois de haver perdido todo o meu pueril acanhamento de out'ora, continuava ainda a sentir-me tal qual fóra junto d'essa mulher; e como ella apreciava fessa timidez, essa homenagem do homem que a seu lado era ainda e sempre uma creança, homenagem que nenhum dos seus adoradores lhe prestava... E todavia, no palacio do seu coração, onde mais de um entrara, eu occupava apenas uma humilde agua-furtada.

Mas esse modesto alojamento era só meu.

Em um ramo de flores exuberantes de colorido, esconde-se uma violeta, que ninguem vê, e que o perfuma.

Eu era essa ignota flor.

Quando Adelia morreu, moça ainda e formosa, depuz um ramo de violetas no seu caixão, unico leito onde a vi deitada sobre um travesseiro de rendas, como que adormecida, prostrada por uma longa fadiga.

Os amores sem realidade desafiam a morte, e são eternos como o puro Espirito de um Deus!

Em seguida, continuei a minha existencia de homem.

Trabalhei, amei, soffri.

O meu primeiro amor permanecia no meu coração, deslumbrado pela violencia das paixões, como as estrellas fixas, que não se vêem á hora em que o sol irradia, e que recomeçam a projectar a sua mysteriosa claridade, logo que a sombra nos envolve.

Muito tempo depois da morte da bem amada, vi, uma noite, entrar, na sala onde me achava, uma joven senhora.

Não posso dizer que se parecia com Adelia, porque me convenci que era ella.

A mesma flexivel voluptuosidade de um corpo juvenil, a pelle doirada, os cabellos pretos e ondeados, como que preparados para receberem as *bandelettes* das antigas sacerdotisas, os olhos cheios de mysterio, sombrios e reflectindo, por vezes, uma chamma longiqua, passando a través da noite, os labios grossos e vermelhos, descobrindo a través do sorriso, a alvura cruel dos dentes, e as mãos pequenas e gordas, aniquilando-se ao contacto de outras mãos, como uma resolução de homem, extinguindo-se sob o imperio de um beijo...

E era tambem a mesma alma, a intuição de todas as cousas artisticas, o divino calor do coração que se revela em uma voz grave e tremula, e esse soberano orgulho do seu pessoal, que transluz até em um simples capricho, revestindo-o de uma tal nobreza de sentimentos, que o mundo, não obstante a maldade, a inveja e a ferocidade que o caracterizam, comprehende a impossibilidade de ser juiz d'essas creaturas privilegiadas...

Logo que vi essa mulher, amei-a, sem tentar combater ou discutir esse amor, sem o sentir nascer e desenvolver-se.

Amava, havia uma hora, e amava para sempre.

O meu coração era a princeza dos contos de fadas, adormecida por espaço de cem annos, que acorda e diz ao cavalleiro, que julga ter visto na vespera:

«Como passaste desde hontem, ó meu doce amigo?»

Não precisei dizer-lhe cousa alguma, tanto ella comprehendeu o mysterio adoravel que não é necessario explicar aos crentes.

Os nossos labios uniram-se, antes de fallarem de amor...

Mas oh! miseria humana!...

Os nossos corações estremeceram de dolorosa inquietação na sua doce embriaguez.

Aterra-me a idéa de ser infiel á morta; aterra-me a possibilidade da viva ter ciúmes!

GUOMAR TORREZÃO.

PERFIS

I

EVA!...

(A LUÍZ GODEFROY)

Essa trança negra, negra,
Como os teus olhos bonitos,
Tem aromas exquisitos!...
Dá-me, ó bella toutinegra,
Essa trança negra, negra,
Como os teus olhos bonitos.

Essa bocca fina e quente,
Como os ninhos d'uma rôla,
Tem um sorrir, que consola!...
Dá-me, creança innocente,
Essa bocca fina e quente,
Como os ninhos d'uma rôla.

Esse collo tão sedoso,
Como delicado arminho,
Tem a seiva do carinho!...
Dá-me, estrella do meu goso,
Esse collo tão sedoso,
Como delicado arminho!

Essa alma nobre e clemente,
Como um coração de mãe,
Deve amar como ninguem!...
Dá-me tudo, finalmente,
O amor... e essa alma clemente,
Como um coração de mãe!

LUÍZ DA SILVA.

A OCCUPAÇÃO DE TUNGUE

I

Se já na *Illustração* démos conta ainda que brevemente da guerra do Tonkin, porque era um acontecimento importante da historia contemporanea, com mais razão devemos narrar aos leitores as peripecias dos acontecimentos recentissimos que restituíram ao nosso paiz a posse da famosa bahia de Tungue, de que estavamos privados ha mais de quarenta annos. Apesar do nome do signatario d'este artigo poder fazer suppôr que não mostrará n'essa narrativa a mais severa imparcialidade, affirmamos positivamente aos nossos leitores que nos limitamos a referir os factos, como se se tivessem passado ha um seculo, tomando para guia a parte narrativa de um folheto de 143 paginas que acaba de ser publicad pelo sr. coronel José Raymundo de Palma Velho com o titulo *A tourada da bahia de Tungue no parlamento e na imprensa*. O auctor d'este folheto foi um dos que mais contribuíram para o exito da expedição, cujo commando directo lhe fôra confiado. Apenas procuraremos de quando em quando esclarecer essa narrativa com factos de que tinhamos conhecido directo, pela posição que occupavamos quando se deu principio á expedição.

Demais n'esta occasião deu-se o caso rarissimo de sobrepujarem as preocupações da grande politica nacional, as preocupações mesquinhas de politica partidaria, tratando dois ministros antagonistas de realisarem o mesmo pensamento, completando um o que o outro fizera.

A bahia de Tungue, uma das melhores bahias da Africa Oriental, vasta, abrigada, formosissima, porque as suas aguas são tão limpidas que em certas circumstancias se vê atravez d'ellas o fundo do mar, faz parte da provincia de Moçambique e do districto de Cabo-Delgado. Comtudo ha quarenta e tantos annos uma especie de cheick indigena, que alli governava em nome de Portugal e que de Portugal recebia ordenado, indispondo-se com o governador do districto, e querendo ao mesmo tempo obter grossas recompensas, foi a Zanzibar declarar ao sultão que se reconhecia seu subdito e que lhe entregava Tungue. O sultão acceitou logo, e o littoral da bahia foi occupado pelas suas tropas. Debalde Portugal reclamou o que lhe pertencia, o sultão só respondia com evasivas, e, graças á nossa fraqueza e ao desdem com que por muito tempo se olhou para as coisas ultramarinas, o sultão conservou a posse pacifica e indisputada do seu novo dominio, sem que deixassemos comtudo em todos os documentos de affirmar o nosso direito.

Como porém a costa para o norte do Ibo quasi que estava completamente abandonada por nós, o sultão ia estendendo o seu dominio, e a attenção do nosso governo teve de se voltar forçadamente para essa parte da provincia. Em 1883, sendo ministro da marinha o sr. Barbosa du Bocage, estabelecemos um posto fiscal e um destacamento no sitio de Matamba, que fica na margem meridional da bahia de Mucianbua, bahia que fica muito ao sul da de Tungue.

Em 1885 dava-se o facto, a que já nos referimos no artigo *Geographia politica da Oceania*, de andar a Allemanha occupando os territorios que não encontrava na posse effctiva de alguma nação, procedimento que deu origem ao conflicto das Carolinas. O ministro da marinha portuguez era então o signatario d'estas linhas, e recommendou ao governador geral de Moçambique toda a cautella, para que se não dêsse comnosco algum conflicto semelhante. Este governador, activo, zeloso e intelligente como poucos, o sr. Augusto de Castilho, sabendo que uma esquadra franceza, allemã e ingleza andava na costa delimitando as fronteiras do Zanzibar continental, tratou logo de ordenar ao governador de Cabo Delgado, coronel Palma Velho, que occupasse o territorio de Tungue e que arvorasse alli a bandeira portugueza para que se não suppozesse que tinhamos renunciado aos nossos direitos.

Disponha de pouquissimos recursos, como infelizmente acontece em quasi todas as nossas possessões ultramarinas, o coronel Palma Velho. Comtudo enviou logo ao tenente Sousa commandante do posto de Matamba ordens para ir n'um hiate do Estado que lhe enviava á bahia de Tungue arvorar a bandeira portugueza e a 19 de dezembro de 1885, tendo recebido novo officio de Moçambique, partiu o proprio coronel Palma Velho a reforçar o seu subordinado.

Não foram boas as noticias que encontrou em Matamba. O tenente Sousa, official valentissimo, partira logo, mandára desembarcar em Mucabre um sargento chamado Romão da Silva com um pequenissimo destacamento que devia arvorar em terra a bandeira portugueza. Apareceram porém immediatamente quatrocentos soldados zanzibaritas que a isso se oppuzeram, fazendo fogo sobre os nossos, e quebrando o mastro da bandeira. Romão teve de embarcar e o tenente Sousa viu-se tambem obrigado a deixar de cumprir a sua missão por não poder resistir a forças tão superiores, e por ter a certeza da hostilidade dos zanzibaritas, bem manifesto na seguinte curiosa carta que o governador de Tungue lhe escreveu, e que é a seguinte:

«Ao ill.^{mo} sr. capitão mó de Matamba, o Portuguez.—Eu estou bem; desejo saber da sua saude. Constou me que V. S.^a tinha vindo a Macloe, desembarcou e arvorou a bandeira sem ter vindo primeiramente pedir licença, pois desde que eu aqui estou não desembarca nenhum portuguez sem minha licença; portanto fique sabendo que commetteu uma falta, desembarcando, plantando o pau, e arvorando a bandeira sem minha licença no territorio do sultão de Zanzibar. Como V. S.^a commetteu uma falta arvorando a bandeira uns velhos de Tungue foram para lá e tiraram o pau de bandeira. Ainda não me consta que desde Muluri até Tungue seja territorio portuguez e nem ha nada de portuguez; eu conto tudo como do sultão de Zanzibar. V. S.^a é nosso amigo, se tiver algum documento pelo qual prove e tem força que, desde Muluri até aqui onde estou seja portuguez, apresente para eu ver; se isto é dos portuguezes eu não faço nada contra isso, mas se isto tudo é do sultão de Zanzibar cá estou eu para defender os direitos d'elle; se não tiver documento comprovativo, vá saber primeiro com o sultão de Zanzibar. Gente de Moçambique é que sabe melhor o que lhe pertence, mas eu e V. S.^a somos novos e alheios a estas questões; V. S.^a procura os seus direitos e nós procuramos os nossos, e eu tenho visto que desde Muluri até Tungue está debaixo das ordens do sultão, a gente velha das terras que sabo foi quem me disse. Os nossos limites é Macim-bua, nós e os portuguezes. Muita authoridade tem estado em Matamba antes de V. S.^a, sem fazer nem querer o que V. S.^a faz, e se eu quizer posso fazer desde Muluri até Matamba, collocando bandeiras do sultão, mas isto não quero eu fazer, pois não quero tomar e fazer força com o que pertence de Muluri até Matamba. O que eu quero é estar bem com os Portuguezes como antigamente. Se quizer bem comigo encontra-me bom; se quer o bem vae bem, e se quer o mal, mal entra comigo, escolha. Responda-me com brevidade.—O governador de Tungue, SAIDI BUNO SALIM BINI SAIDI ALIBO SAIDI.

Dia 4 do mez 6.^o do anno de 1303.

Esta carta parece escripta em portuguez pelo proprio Saidi, mas não é, é uma traducção portugueza da carta arabe, e a sua redacção incoherente nada prova contra o estylo do representantes do sultão de Zanzibar; mostra apenas a que ponto chegou entre nós a decadencia do estudo das linguas orientaes, pois que nas terras portuguezas limitrophes do sultanato de Zanzibar só se encontra sabendo arabe quem mal sabe portuguez.

Em todo o caso, bem ou mal redigida, a carta mostrava que o governador de Tungue estava resolvido a hostilizar-nos e que a bandeira portugueza soffrera uma affronta que era necessario immediatamente lavar. O governador de Moçambique avisára o coronel Palma Velho de que lhe ia mandar a canhoneira *Quanza* commandada pelo capitão-tenente Sanchez de Guzman; mas, como a canhoneira se demorasse, o coronel Palma Velho d-liberou embarcar n'um dos detestaveis hiates da provincia, o hiate *Mello Gouveia* e partir para a bahia de Tungue. O outro hiate *Barbosa du Bocage* fôra o que levára os reforços (reforço de nove homens!) ao tenente Sousa. Acompanhava-o tambem uma força igualmente respeitavel, oito soldados commandados pelo tenente Antonio da Camara Cylindo, e o thesoureiro João de Barros Carrilho fazia parte da expedição.

Tendo partido de Matamba no dia 22 de dezembro de 1885, depois de conferenciar com o tenente Sousa que regressára de Tungue na ante-vespera e que morreu pouco depois, chegou o coronel Palma Velho á bahia de Tungue. Já lá encontrou a canhoneira *Quanza*. Chegára ao Ibo pouco depois da sabida do governador, e não o encontrando, partira immediatamente para Tungue, passando adiante do hiate *Mello Gouveia* sem o ver. N'esse dia 27 de dezembro achava-se pois fundeada na bahia de Tungue a esquadilha portugueza composta da canhoneira *Quanza*, como nau almirante, e dos hiates *Barbosa du Bocage* e *Mello Gouveia* como navios ligeiros, e tão ligeiros effectivamente que andavam pelo tamanho de umas faluas de Aldeia-Galleja. Emfim as esquadras com que nós outr'ora conquistavamos e descobriamos não eram tambem muito mais numerosas.

A canhoneira bastava effectivamente para infundir um certo receio aos arabes, mas tinha o inconveniente de se não poder chegar a terra por não ter fundo. A costa da bahia de Tungue é espraída a ponto de que o refluxo da maré deixa a descoberto um areal de kilometro e meio de extensão. Soccorro effectivo portanto não o podia prestar o navio.

Mas o coronel Palma Velho andou com uma resolução e uma energia que muito effectivamente o honram. O governador de Tungue, apenas soube da sua chegada, mandou o cumprimentar, e o coronel, respondendo aos seus cumprimentos, advertio-o de que vinha arvorar a bandeira portugueza no sitio d'onde tinham tido a audacia de a arrancar. O governador respondeu, já sem a aspereza da carta que dirigira ao tenente Sousa, que elle não dera semelhante ordem e que tinham sido os velhos de Tungue que assim haviam procedido por julgarem esse territorio pertencente ao sultão. O modo como o coronel respondeu a isso foi desembarcando elle mesmo acompanhado apenas por um interprete, arvorando elle mesmo a bandeira portugueza no meio dos clamores de uma turba ameaçadora, mas que não ousou oppôr-se a esse acto. Desembarcaram depois mais Portuguezes, e a bandeira alli



PONTE DA BARCA

(Gravura extrahida da obra *O Minho Pittoresco*)

se conservou até ao pôr do sol. Depois tiraram-n'a, entendendo e com razão que, não podendo deixar alli uma escolta numerosa, não podiam tambem deixar a bandeira, expondo-a a ser de novo arrancada e insultada como desforço possível. Pela mesma razão entendeu o coronel Palma Velho que devia tomar posse da bahia, arvorando a bandeira não em Menniguene, ou Macolre, mas n'uma ilha deserta, que fica na mesma bahia e que se chama ilha de Teramaji. A posse foi participada ao sultão de Zanzibar, entendendo-se que, logo que os nossos direitos fossem reconhecidos, se poderia então desembarcar no continente, estabelecer um posto fiscal onde mais conveniente parecesse, e realisar emfim essa reoccupação de Tungue, tão audaciosamente iniciada pelo acto resolutivo do coronel Palma Velho.

PINHEIRO CHAGAS.

O PREGO

(CAUSA GÉLEBRE)

VIII

DECLARAÇÕES

Um cidadão, chamado a depôr, disse:

Que D. Affonso Gutierrez de Romeral, joven e rico proprietario d'aquella povoação, residira alguns annos em Madrid, d'onde voltára em 1840, casado com uma encantadora joven, chamada Gabriella Zahara;

Que elle, declarante, fôra passar algumas noites a casa dos recém-casados, e tivera occasião de observar a paz e ventura que reinava entre elles;

Que, quatro mezes antes da morte de D. Affonso, Gabriella tinha ido a Madrid passar algum tempo com sua familia, segundo a declaração do proprio marido;

Que ella regressara nos ultimos dias de abril, ou seja tres mezes depois da sua partida;

Que oito dias depois de voltar, morrera D. Affonso;

Que havendo adoecido a viuva, em consequencia do sentimento que lhe causára a morte do marido, manifestou ás pessoas das suas relações que lhe era insupportavel viver n'uma terra onde tudo lhe fallava de seu querido e malogrado esposo, e partiu para sempre em meados de maio, dez ou doze dias depois da morte d'aquelle;

Que era quanto sabia de verdade e jurava sobre os Santos Evangelhos.

Outras pessoas fizeram declarações quasi identicas.

Os creados do defunto Romeral declararam que a paz matrimonial não era tanta como se dizia em publico;

Que a separação de tres ou quatro mezes e meio que precederam os ultimos oito dias que os esposos viveram juntos, foi um tacito rompimento, em consequencia de profundos e mysteriosos desgostos que havia entre ambos desde o segundo anno do seu casamento;

Que na noite da morte de seu amo, os dois conjuges se recolheram juntos á alcova nupcial, contra o seu antigo costume de dormir cada um no seu quarto;

Que á meia noite os creados ouviram tocar violentamente a campainha, ao passo que a senhora gritava afflictivamente;

Que acudiram e viram sahir Zahara do quarto, com o cabelo em desordem, pallida, convulsa, gritando entre choros e soluços:

—Uma apoplexia! Um medico! O senhor morrei!

Que entraram na alcova, e viram seu amo estendido sobre o leito e já cadaver; e que tendo sido chamado um medico, este confirmára que D. Affonso tinha morrido de uma congestão cerebral.

Interrogado este medico, confirmou a ultima parte do depoimento dos creados. Chamados outros facultativos, sendo-lhes apresentada a caveira de D. Affonso, e perguntando-lhes o juiz se a morte recebida d'aquelle modo podia parecer aos olhos da sciencia como proveniente de apoplexia, disseram que *sim*.

Então Zarco dictou o seguinte auto:

«Considerando que a morte de D. Affonso Gutierrez de Romeral devia ter sido instantanea, em seguida á introducção do prego na cabeça;

«Considerando que quando morreu estava só com sua esposa na alcova nupcial;

«Considerando que era impossivel attribuir a suicidio uma morte semelhante, pelas difficuldades inconcebiveis que offercia a sua perpetração com mão propria;

«Declara-se reu d'esta causa e autora da morte de D. Affonso, sua esposa, D. Gabriella Zahara do Valle, para cuja captura se expediram os respectivos mandados, etc., etc.»

—Dize-me, perguntei eu ao juiz; crês que se capturará Gabriella Zahara?

—Sem duvida, respondeu elle.

—E porque o asseguras?

—Não sei; o que posso dizer-te é que, no meio d'estas rotinas judicarias, d'este casuismo, d'esta frieza official, ha uma certa fatalidade dramatica, que não perdoa nunca. E' em consequencia d'ella que te notifico que, quando um processo chega ao estado d'este, não termina até a catastrophe final.

Por outra: quando os ossos saem do tumulo a fazer declarações, pouco resta que fazer aos tribunaes.

IX

O HOMEM PÔE...

Apesar das esperanças do meu amigo Zarco, Gabriella Zahara não appareceu.

Mandados, requisitorias, editos, tudo foi inutil.

Passaram tres mezes.

A causa foi sentenciada á revelia.

Eu abandonei a villa de ..., promettendo a Zarco voltar no anno seguinte.

X

UM DUO EM MI MAIOR

—Aquelle inverno, continuou Philippe, passei-o em Granada.

Era uma noite em que havia baile em casa da riquissima senhora de ... e para o qual fui convidado.

Pouco depois de chegar áquella magnifica habitação onde estavam reunidas todas as formosuras da aristocracia granadina, reparei em uma mulher, cujo rosto teria distinguido entre mil outros semelhantes, dado o caso que Deus tivesse feito alguns mais, que se parecessem com o d'ella.

Era ella, a minha desconhecida mysteriosa, a minha desenganada da diligencia, a minha companheira de viagem, o numero 1 de que vos fallei no principio d'esta historia.

Corri a cumprimental a e ella reconheceu-me logo.

—Cumprí a minha promessa de a não procurar; até ignorava que poderia encontral-a aqui. Se o soubesse, não teria vindo, com receio de a incomodar; mas uma vez em sua presença, espero que me diga se lhe posso fallar e se já se acabou a desdita que me affastava de v. ex.ª.

—Vejo que é vingativo, respondeu-me ella estendendo-me graciosamente a mão. Mas eu perdoo lhe. Como tem passado?

—Não o sei ao certo. A minha saude, a saude da minha alma, pois, creio, não me perguntará por outra no meio de um baile, depende da saude da alma de v. ex.ª. Quero dizer que a minha felicidade não pode ser senão um reflexo da sua.

Está curado esse pobre coração?

—Ainda que a minha apparente jovialidade faça suppor o contrario, o senhor sabe... como eu... que as feridas do coração são incuraveis.

Porém tratam-se, como dizem os medicos; fazem-se remedios; faz-se nascer uma pelle rosada sobre a'roxa cicatriz; edifica-se uma illusão sobre um desengano.

—Mas essa edificação é falsa. Como a primeira, senhora, como todas. Mirabeau moribundo não acceitou o generoso offercimento de um joven que queria transfundir o seu sangue todo nas arterias do grande orador. Não seja v. ex.ª como Mirabeau. Achará nova vida no primeiro coração virgem que lhe offercer a sua seiva. E já que não gosta de galanterias, accrescentarei, em abono do meu conselho, que ao fallar assim não defendo os meus interesses...

—Porque diz o senhor isso?

—Porque eu tambem tenho alguma cousa de Mirabeau, não na cabeça, mas no sangue. Necessito o mesmo que v. ex.ª, uma primavera que me vivifique.

—Somos muito desgraçados. Emfim, o senhor terá a bondade de não fugir de mim como d'antes.

—Fugir, eu! Ia a pedir-lhe licença para visital-a.

—Concedida.

Despedimo-nos.

—Quem é esta mulher? perguntei a um amigo.

—Uma americana, que se chama Mercedes de Meridanueva. Eis tudo o que sei, e o que toda a gente sabe.

(Continúa)

TRAD. D'ALFREDO GALLIS.

ILLUSÕES

Acontece muitas vezes
As avesitas pequenas
Andarem dias e mezes
A forma de brandas pennas



JULIO FERRY

E da pennugem dos fructos
Que encontram pelo pomar,
O ninho que ha de occu'tar
Os filhitos impollutos.
E um dia o vento do norte
Encontra o matto da serra,
E como um sopro de morte
Atira os ninhos por terra.
Andei, mulher, a formar
No meu peito um paraizo,
Com raios do teu olhar,
E sombras do teu sorriso.
E em troca d'esta anciedade,
Mostraste-me o teu desdem—
Illusões da mocidade,
Sois como os ninhos tambem!

ACCACIO PAIVA.

OS FUGITIVOS

A' porta da unica igreja da povoação, acabavam de ser affixadas as listas do recenseamento militar, simultaneamente maritimo e terrestre. Formavam-se grupos dos paes, tutores, filhos-familias, etc. E todos olhavam, com esse olhar sereno, que caracteriza os camponios. Olhavam sem perceber nada. Se elles não sabiam ler!

Aquellas garatujas a tinta preta sobre o papel branco, tinham para elles o terrivel mysterio do Mane, Thecel, Phares, de Daniel no festim de Balthasar.

De repente, appareceu no angulo da rua Direita, que vinha desembocar no largo da igreja, o velho professor d'instrucção primaria, arrastando penosamente o seu rheumathismo. Vinha pelo braço da sua unica filha, uma gentil rapariga, que tinha, diziam, uma educação soberba, visto que era a unica mulher da localidade que sabia ler uma carta vinda do Brazil, um termo d'arrendamento de terras lavradas e de sementeira, uma obrigação de divida ou uns editos do tribunal, pregados com quatro obreias no guarda-vento da igreja.

Era ella muitas vezes que, na escola, tomava a lição aos rapazes, sob a vista austera do professor, que gemia o rheumathismo, aniquilado na sua poltrona. E isto succedia ha bom numero d'annos.

D'esta familiaridade casta, entre ella e os discipulos, resultara-lhe grande popularidade entre a parte masculina da mocidade do logar. Todos, pequenos e grandes; os que ainda eram frequentadores da aula, devido á sua tenra idade, e os que já tinham deixado definitivamente a cartilha pela rabiça do arado, sentiam pela linda Maria essa sympathia fraterna que torna alliada a gente moça.

Havia porém um rapaz, que tinha pela filha do professor uma verdadeira paixão, e tão forte, que se atreveu a declarar-lh'a. Correspondeu a pequena. Houve os juramentos do estylo. Ella prometeu, com toda a solemnidade, não amar outro. E guardou-se d'este caso o maior segredo, porque o velho professor era muito ciumento do seu thesouro, e só a idéa de que a filha podia casar, sair de casa, e elle ter de fechar a escola, o punha doente.

Apenas o professor, apoiado no braço da filha, chegou á porta do templo, rodearam-no logo, anciosos, os camponios, e pediram-lhe que fizesse o favor de ler a lista terrivel.

Magestoso como um Pombal, o austero professor relanceou o olhar severo sobre a turba, onde se achavam muitos dos seus antigos discipulos e exclamou, brandindo a bengala:

—Corja de burros e mandriões! Vocês já não sabem ler? O que é então que aprenderam commigo?

Os camponios, acostumados a estas tempestades subitas mas passageiras, responderam sem se alterar:

—Ora vocemecê bem sabe que nunca fomos capazes de entrar com a lettra d'escripta. Se isso que ahi está fosse em lettra redonda, outro gallo cantára!

Mas o velho já não os attendia; basculhava atrapalhadamente as algibeiras.

Um velhote, julgando que elle procurava a caixa do rapé, offereceu-lhe uma pitada.

O professor, ao ver diante do nariz a caixa aberta, sacou rapidamente a mão da algibeira e enganchando os dedos como o bico de uma ave de rapina, dirigiu-os para a boceta, dizendo alto:

—Não trouxe os oculos!

A sensação produzida por esta noticia, que deixava todos a ver navios, foi tão grande, que o camponio que tinha offerecido a sua caixa de rapé ao professor, recuou-a vivamente, deixando-lhe a pitada em meio.

Então o Antonio, o namorado da Maria, avançou e disse:

—Nós o que queremos é saber os nomes que ahi estão. A

menina Maria podia bem fazer esse obsequio ao povo que aqui está.

Diante d'esta palavra tão simples e solemne ao mesmo tempo—o povo,—o professor curvou-se e fez signal á filha que, tornando-se extremamente corada por ser o alvo de tantos olhares, leu com a sua voz harmoniosa os nomes dos mancebos, sua idade e filiação.

Já se tinham juntado ao grupo algumas mulheres, e a cada nome que a bella mocetona lia, resoavam exclamações doloridas. Depois, todos entraram para a igreja; e em breve não se ouviu, no silencio do templo, senão a voz sonora do sacerdote, estalando o seu latim em syllabas metallicas.

* * *

O dia do sorteio chegou breve. O Antonio ficou incluído no contingente. O seu desgosto não teve limites, porque tinha tanto horror á vida militar, quanto amor á Maria. Para cumulo de desgraça, tinha-o escolhido a junta d'inspecção, para a armada, e isto affigurava-se-lhe uma injustiça enorme. Elle, que era homem do campo, ir servir no mar! Largar a sua querida ilha e vir bater com os ossos em Lisboa, ser destacado para as estações d'Africa e India, chibatado como um cão, á minima falta, e mandado de castigo para as vergas!

Era de enlouquecer. E pelo cerebro acanhado, passavam-lhe idéas sombrias.

—Ah! vocês condemnam-me ao mar? Pois ha de ser o mar a minha salvação.

E teve uma idéa monstruosa, que, de resto, sorri a quasi todos os recrutados e namorados açorianos: a idéa de abalar com a Maria para o Brazil.

E communicou-lh'a. A pequena ficou aterrada; mas elle jurou que se matava e a matava a ella, se não o seguisse. Não acreditava no amor d'ella. Uma hypocrita, é que ella era. E depois ajoelhava e pedia-lhe perdão de a insultar. E abraçava-a e unia-a estreitamente contra o seu peito herculeo, e suffocava-lhe as observações com beijos ardentes, com supplicas enamoradas, com arrolhos de pombo ciumento; estonteava-a com o magnetismo do seu olhar.

Ella, vencida, fraca, amante, fascinada pela belleza varonil d'elle, pelo seu sincero desespero, pelo seu calor demonstrativo, succumbiu, cedeu, deixou-o desfolhar a sua grinalda de laranja. D'aquelle momento em diante, pertencia-lhe, era sua escrava, podia fazer d'ella o que quizesse.

Resolveram a fuga. O Antonio entendeu-se com um comprador de carne humana, isto é, com um agente d'emigração clandestina.

A Maria, na noite fatal, escreveu uma longa carta ao pae, expondo miudamente os factos, aconselhando que tivesse paciencia; que lhe mandaria dinheiro, e quando pudesse, que o viria buscar para a sua companhia. Depois, entrou a roupa mais necessaria e foi ao quarto do velho, dar-lhe o ultimo beijo. Ajoelhou aos pés da cama. O pae tinha uma mão pendente na borda do colchão. Poz-se a examinal-a longamente e reflexionou alto:

—Se elle acordasse agora, amaldiçoava-me!

Subitamente estremeceu. Ouvira um ligeiro ruido no quarto contiguo. Voltou a cabeça e vio o Antonio, prompto a marchar.

—Avia-te! disse elle com angustia.

Estava pallido e relanceava o olhar em volta de si, como um facinora.

Ella, sem um soluço, com uma angustia suffocada, aturdida pelo extraordinario da situação, seguiu-o resignada, como um cão segue o dono.

E assim transpuzeram a porta da rua.

Quando chegaram fóra do povoado, silenciosos como cúmplices e ligeiros como sombras, ella parou para olhar uma última vez para traz. E caiu sobre uma enorme pedra, exausta, aniquilada. E principiou a soluçar baixinho, com a cabeça entre as mãos.

O Antonio, de pé, silencioso, olhava-a. De subito, curvou-se para ella e disse-lhe n'uma voz branda como um suspiro:

—Queres voltar? Faça-se a tua vontade. Eu irei para a armada, seguirei a minha sorte. Será o que Deus Nosso Senhor quizer!

E a sua voz era a de um moribundo, intercortada pela commoção.

Ella, um pouco mais tranquilla, mais desafogada, levantou a sua formosa cabeça e fitou-o.

—Como tu és bom, Antonio! exclamou com sincera admiração.

Elle cingiu-a nos braços e murmurou com desalento:

—Eramos bem dignos de ser mais felizes!

Diante d'esta confissão de desanimo, que denotava que elle tambem soffria, a Maria sentiu reanimar-se-lhe dentro do peito toda a dedicação da mulher pelo ente estremecido, e achou-se immediatamente forte, porque se tratava de sacrificio. E foi com energia que se levantou e respondeu:

—E havemos de sel-o. Avante!

D'esta vez, pozeram-se de novo a caminho, sem-parar, serenos, firmes, quasi alegres, até ao local do embarque.

Uma ultima lagrima, deslizada pelos olhos d'ella ao saltar no barco, bebeu-lh'a o Antonio n um d'esses beijos poderosos, que dão vida, força e crelça no futuro, ainda á mulher mais tímida.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

ESTUDOS DE HYGIENE

VII

A gula

Um jornal de Florença, a *Revista Internactional*, tem ultimamente publicado uns interessantissimos artigos, firmados por *Dora d'Istria* e consagrados aos peccados capitaes.

O ultimo que lemos, é dedicado á gula.

Depois de citar alguns exemplos classicos de glotoneria, e de analysar a parte que as funcções digestivas tomam na criminalidade geral, o author falla da influencia da alimentação sobre a saude do corpo e do espirito, de raças e individuos.

Para nos convenceremos do poder d'esta acção, basta compararmos os paizes onde se teem em conta os principios physiologicos, com aquelles que teem permanecido fieis á hygiene da Edade Média.

Embora a duração média da vida tenha augmentado de uma forma notavel desde a R. forma, e muito mais ainda desde a Revolução franceza, não excede, comtudo, segundo Berthelot, 29 anos para as mulheres e 24 para os homens.

Isto é segundo Berthelot. Pois bem: segundo Flourens, a duração normal da vida humana, é d'um seculo.

«E certo—diz o author da *Long.vidade humana*—que poucos homens chegam a esse termo. Mas quantos d'elesfazem o que seria preciso para chegar?... *O homem não morre; m ta-se.*»

A falta de sobriedade é, para o eminente physiologo, uma das principaes causas que nos levam á cova antes do praso fixado pela Natureza, a qual, diz Buffon, «mede a duração total da vida pela do tempo do crescimento.» Flourens justifica com grande numero de exemplos um principio que parece não poder ser disputado.

Estas considerações produziram a *Macrobotica*, ou arte de prolongar a vida por meio da obediencia ás leis hygienicas. H., com este titulo, uma obra do dr. Hufeland, justamente celebre na Alemanha e bastante apreciado no estrangeiro, obra que conta já duas traducções francezas. Hufeland, convem notal-o, pronunciou-se sempre contra os systemas da medicina, e soube combater com a mesma firmeza a *Irritação*, do francez Bronssais, e a *homeopathia*, do saxão Hahnemann.

Insiste o dr. allemão, especialmente, na sua *Macrobotica*, em expôr os perigos da embriaguez e da gula. Para elle, o segundo vicio, embora menos odioso, não é menos terrivel que o primeiro. E' incrivel, diz Hufeland, até que ponto se torna necessaria, para prolongar a vida, a saude perfeita do estomago, que é o rei dos órgãos do corpo animal. Os excessos da meza compromettem extraordinariamente esta saude.

A palavra excesso não tem aqui o sentido que geralmente se lhe dá. A maior parte dos homens comem muito mais do que ana'ureza manda, porque uma educação contraria a todos os principios hygienicos lhes imprimiu deploraveis habitos de glotoneria.

A mesma estúpida falta de cuidado se manifesta nas bebidas e nos alimentos. Em vez de se pensar no que exigem a constituição, o clima e o genero de occupações, pensa-se unicamente no que agrada ao paladar.

Hufeland está muito longe de aceitar a apologia espiritual que Brillat Savarin faz da arte dos cosinheiros. «Não temos, diz elle, inimigo mais terrivel.» E justifica o seu asserto com uma infinidade de provas irrefutaveis.

Os factos confirmam plenamente as suas theorias. Cita o exemplo do italiano Cornaro, que realisou maravilhas por meio da sobriedade.

Cornaro escreveu aos 83 annos um relatorio sobre a sua maneira de viver. Chegou aos cem annos sem conhecer os incomodos e o mal estar que, de ordinario, acompanham a velhice. Afirmo que o seu caracter melhorou prodigiosamente, bem como a sua saude, quando se decidiu a não tomar mais que doze onças de alimento solido e quatorze onças de vinho por dia. Elle, que era, de natureza, rancoroso e irascivel, tornou-se um modelo de paciencia e de doçura.

Até em paizes mais frios que o norte da Italia se tem visto centenarios, que passam excellentemente, graças a uma sobriedade quasi brahananica. Em 1792, morreu em Holstein um aldeão, que raras vezes comia uma pouca de carne sa'gada; tinha um ge-

nio tão pacifico como o de Cornaro, e chegou á idade de 103 annos sem nunca ter estado doente.

No mesmo seculo, em 1770, um tyroliz, o barão Barravicino de Capellis, morreu aos 104 annos de idade, deixando gravida a sua quarta mulher. Este velho só comia ovos, aos quaes acrescentava, de vez em quando, pequeninas dózes de carne assada.

Alguns annos antes, em 1759, fallecia em Cornonialles um inglez, que attingiu a idade patriarchal de 144 annos. Chamava-se John Essigham. Nunca bebeu licores fortes na sua mocidade; foi sempre muito sobrio e só comia carne meia duzia de vezes no anno. Até á idade de cem annos não colheceu uma unica doença.

Sem que se ja permittido tirar conclusões d'estes factos isolados, pode affirmar-se, sem receio de contradicção, que o que alimenta não é o que se come, e sim o que se digere.

CASTOR.

DIVINA COMEDIA

Aonde vaes, não sei; sei que me levas
por caminhos sem fim, que eu desconheço;
e, se ás vezes vacillo ou esmoreço,
afoitas me rasgando um pouco as trevas...

Outras vezes, se a aurora me entremostra,
por entre brumas, região distante,
mandas cerrar-se a noite, e n'esse instante
o desalento me avassala e prostra!

E penso no poeta florentino,
que transcorreu os circulos do inferno,
guiado pela mão de um genio eterno
desde as trevas a uns ceus que eu imagino.

Se vaes por senda egual, que eu não diviso,
deixa apoiar-me no teu braço amigo,
não entremos no inferno, e vae comm'igo
divagar no dantesco paraíso!

HAM DA LUZ.

SONHANDO

(Excerpto)

E Call adormecera...

O pallido rosto, immerso em ondas de cabello, destacava suavemente na moldura de Bruges da almofada.

Sonhava, e estremecia, fazendo scintillar as góttas de luz que a lampada de Saxe entornava, indifferente, pelo bordado de prata da colcha de setim.

«Sobre o seu leito inclinavam-se, rischnas, as duas violetas que elle lhe mandára.

Eram fadas agora; uma, a dos sonhos azues, que escutára, a tremer, a sua «aspiração», segredava-lhe, mysteriosa, o que elle lhe dissera pouco antes. A outra, deusa dos sonhos do amor, contava como «lhe» suspirára o poema da sua alma, com a descrição e suavidade do seu perfume e côr! Mas que «elle», ao respirar-lhe o aroma, sorrisa, e dissera: «Vae, adoravel mensageira d'esse amor desconhecido; eu, não tenho por habito responder... a anonymas!»

Call empallidecia, escutando-o, e disse-lhe a chorar:

«Vôa, deusa dos sonhos de amor, conserva-te sempre junto «d'elle», a fallar-lhe da minha adoração; se insistir em me saber o nome, dize-lhe que sou uma desgraçada, a quem chamariam louca, se atravez da espessa camada de gélo que apparentemente a envolve, deixasse trasluzir a chamma de amor que a queima!»

E voltando-se: «Tu, fada dos sonhos azues, és a minha inseparavel companheira. Embala-me, embala-me docemente, até adormecer no esquecimento, na morte!»

Call despertou.

Ria o sol pela «guipure» da janella. Nos seus grandes olhos pretos, dois circulos bistrados contrastavam, singularmente, com a alvura lyrial do rosto, talhado em marmore de Paros.

N'essa noite, á sahida de S. Carlos, aconchegando aos hombros a capa de pellucia, Call sentia ainda nos ouvidos a voz melodiosa do Duque de Mantua!

E quando, ao adormecer, lhe passou pela vista a «sua» figu-



N.º 1



N.º 2

ra airosa e deslumbrante, que a entontecia e extasiava, sorriu e murmurou com tristeza:

—A unica cousa que nos é permittida a nós, mulheres, eternas visionarias, é sonhar... sonhar!...

M. REGARIDA DE SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

REGINA PACCINI

Acaba de estreiar-se como cantora, em S. Carlos, na *Somnambula*, esta gentil creança, que todos nós vimos crescer e que ha pouco mais d'um anno abandonára os trajes infantis.

O seu *debut* encheu-nos de verdadeiro assombro. Regina Paccini, a pequenina Paccini, que ha pouco applaudimos, tem o estofado d'uma grande artista, revelando dotes extraordinarios.

Sinceramente, é prodigioso o talento d'aquella *debutante* de dezeseite annos, que tantos completou a gentil menina, no dia immediato ao da sua estreia.

Timbre infantil, mas já *crystallino* e adoravel, extensão de voz, agilidade e firmeza relativa no ataque e na emissão das notas, taes são os prejudicados evidentes da nova cantora.

No aria do 1.º acto, Regina Paccini recebeu logo delirantes applausos. Não foi um «sucesso de estima», mas a merecida saudação a um indiscutivel talento.

A parte brilhante da opera foi, porém, o soberbo *rondó* do 3.º acto, a peça de exame das mais assignaladas e fortes cantoras. Regina cantou-o com correção e adoravel mimo, tendo, ao acabar de cantal-o, quatorze chamadas.

A nossa gentil compatriota, porque Regina nasceu em Lisboa, enviamos d'aqui um bravo sincero. Não nos cega o patriotismo; não se esqueça tambem a futura *estrella* de que ao calor dos nossos applausos desabrochou a flôr do seu talento. Conserve sempre da sua patria a suave lembrança de que foi o duplo berço da sua vida e da sua carreira d'artista.

PONTE DA BARCA

(Gravura extrahida do «Minho Pittoresco»)

O *Minho Pittoresco*—a valiosissima obra d'onde extrahimos a nossa gravura,—é, inquestionavelmente, um monumento erguido á mais formosa, á mais bella e á mais genuinamente portugueza de todas as nossas provincias. E merecia-o, effectivamente. Não ha em Portugal outra região onde a vida nacional se tenha manifestado com tanta intensidade: é alli que porventura pulsa com mais vigor o coração da patria portugueza: é alli que a Natureza prodiga e generosa reuniu todas as bellezas e todos os encantos que tornam excepcionalmente pittoresco e formoso um dado paiz. Pulula a seiva da tradição nos seus habitos patriarchaes, na originalidade característica dos seus bellos costumes, na linguagem, na alimentação, na comprehensão religiosa, na arte, em todas as manifestações porque um povo afirma a sua vitalidade, emfim. E ao par d'esta intensa vida propria, a sua paisagem tem o estranho e indefinivel encanto da mais arrebatadora, da mais maravilhosa e da mais inesperada successão de aspectos oppostos, imprevistos e novos. Ao idyllio ridente e suavissimo da paisagem do Lima, seguem-se as asperas solidões selvagens e inhospitas da Peneda e do Soajo; depois da egloga deliciosa que a agua canta sob os salgueiraes dos seus rios, a austeridade das suas serranias gigantescas, mudas, mysteriosas. Panoramas diversissimos, qual d'elles o mais deslumbrante, e o de impressionar mais: o Bom Jesus, a Portella de Nade, e o Gerez. E é assim o Minho: quanto ha de bello, de grandioso, de pittoresco, alli se encontra. Pois bem: a viva representação palpitante d'essa privilegiada provincia e das inolvidaveis impressões que ella deixa no espirito dos que a teem percorrido e admirado,—viemos encontrar-a n'esta obra encantadora, graças ao estylo brilhante, colorido, ardente de José Augusto Viera e aos primores de centenas de gravuras d'um raro esmero.

A edição pôde pôr-se a par das mais bellas e luxuosas edições estrangeiras. E' incontestavel que poucas vezes se tem feito em Portugal uma publicação tão profundamente nossa e tão surpreendente de bellezas artisticas. Para o editor, o sr. Antonio Maria Pereira, que se abalançou a tão arrojado empreendimento, é o *Minho Pittoresco* um titulo de gloria. Para a industria da livraria portugueza um completo triumpho.

JULIO FERRY

Tem sido por varias vezes ministro e presidente do conselho em França. Pode dizer-se, sem receio de contestação, que é o primeiro homem d'Estado d'aquelle paiz. O seu nome foi, ha pouco, um dos indigitados e mais votados para a presidencia da Republica, o que levantou grande indignação entre os radicaes francezes, inimigos irreconciliaveis de Ferry, sobre tudo desde o desastre da campanha do Tonkin, por elle iniciada, e que lhe valeu uma guerra sem treguas na imprensa parisiense.

Os radicaes e os socialistas, por occasião da ultima crise, invectivaram-n'o rudemente, cuspiendo sobre elle as mais torpes affrontas, e chegando mesmo a ameaçal-o de morte, caso os suffragios do Congresso de Versailles o elegessem para substituir Grévy.

Foi, talvez, desvairado pela leitura d'essas ignominias da imprensa radical, que Aubertin, um espirito doente, ha dias desfechou, tres vezes, um revolver sobre o ex-presidente do conselho, na rotunda da Camara dos deputados.

Felizmente, os ferimentos produzidos pelas balas não fôrão graves, e Julio Ferry, salvo por milagre d'aquella infame tentativa d'assassinio, poderá continuar a illuminar a França com o prestigio dos seus alevantados talentos d'estadista e de tribuno.

MODAS

1.º FIGURINO:—«Mantilete em siciliano.»—Este mantilete é curto atraz e cae adiante em duas pontas compridas e franzidas, rematadas com duas applicações. Mangas ambulancia, guarnecidas com tiras de velludo. Pequena pelerina franzida, enfeitada com um galão de contas; gola de velludo. Serve de *pendant* a este mantilete uma capota de velludo, adornada com um grande laço de fita, do meio do qual sae uma pluma.

2.º:—Mantilete-visite de pellucia preta, com postilhão na parte inferior e duas compridas pontas na frente. Guarnece-o, na frente, uma tira de pelles e uma applicação em passamantaria bordada a contas, que enfeita tambem as mangas e os dois lados da aba inferior. Forma parte complementar d'esta toilette um chapéu redondo, de aba prolongada adiante, enfeitado com uma grande pluma amazona e um laço de fita.

INCENDIO DE GARTHAGO

(Specimen das gravuras da «Historia de Roma», por Victor Duruy)

A nossa gravura da ultima pagina faz parte das 400 que adornam a *Historia de Roma*, de Victor Duruy, a obra mais importante até hoje publicada na Europa.

Este monumental trabalho do famoso historiador francez vae ser traduzido por Pinheiro Chagas e publicado aos fasciculos quinzenaes pela *Empreza editora de obras illustradas*.

Agouramos-lhe um extraordinario successo em Portugal e no Brazil.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

(Ao ex.º sr. A. de Sousa Franco)

Percorre, meu Franco, do mundo os paizes,
Que muitas, milhares, ali has de vér,—2



INCENDIO DE CARTHAGO

HISTORIA DE ROMA

POR

VICTOR DURUY

TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da **Historia de França**, de Henry Martin, revelou-nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalança á publicação da **Historia de Roma** de VICTOR DURUY, a obra mais importante que até hoje tem apparecido na Europa.

Todos mais ou menos conhecem o nome do grande historiador francez e tem noticia d'este seu trabalho monumental. Não faremos portanto reclamo inutil a esta publicação, cingindo-nos apenas a apresentar as condições com que a offerecemos ao publico.

A **Historia de Roma** será adornada com

400 PRIMOROSAS GRAVURAS,

sendo 150 de pagina inteira.

O formato sera in-4.º, o mesmo da **Historia de França**, o papel de superior qualidade e o typo completamente novo. Sairá aos fasciculos quinzenaes de 32 paginas, com a cobertura de cor. Custo de cada fasciculo—120 RÉIS.

Escriptorio—Travessa da Queimada, 35, Lisboa